



**CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES – UNIGOYAZES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA**

**A INFLUÊNCIA DA TIPIFICAÇÃO DE GÊNERO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR
DAS CRIANÇAS EM IDADE PRÉ ESCOLAR**

Paulo César Eterno do Nascimento

Orientador: Prof. Hederson Pinheiro de Andrade

Trindade-GO 2023

CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES – UNIGOYAZES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA

**A INFLUÊNCIA DA TIPIIFICAÇÃO DE GÊNERO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR
DAS CRIANÇAS EM IDADE PRÉ ESCOLAR**

Paulo César Eterno do Nascimento

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro
Universitários Goyazes –
UniGoyazes como requisito parcial
à obtenção do título de
licenciatura em Educação Física.**

Orientador: Prof. Hederson Pinheiro de Andrade

Trindade - GO

2023

Paulo César Eterno do Nascimento

**A INFLUÊNCIA DA TIPIIFICAÇÃO DE GÊNERO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR
DAS CRIANÇAS EM IDADE PRÉ ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitários
Goyazes – UniGoyazes como
requisito parcial à obtenção do título
de licenciatura em Educação Física,
aprovada pela seguinte banca
examinadora:

Prof. Hederson Pinheiro de Andrade
Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

Prof. Anderson Felix de Araujo
Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

Prof. Fábio Silva Cunha
Convidado

Trindade - GO 20/06/2023

A INFLUÊNCIA DA TIPIFICAÇÃO DE GÊNERO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR DAS CRIANÇAS EM IDADE PRÉ ESCOLAR

Paulo César Eterno do Nascimento¹; Hederson Pinheiro de Andrade².

RESUMO

INTRODUÇÃO: O desenvolvimento motor é a contínua alteração no comportamento motor ao longo do ciclo da vida, proporcionada pela interação entre necessidades da tarefa, da biologia do indivíduo e as condições do ambiente. **OBJETIVOS:** Verificar a influência da tipificação de gênero no desenvolvimento motor das crianças. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo, utilizando artigos científicos, manuais, pesquisas, revistas eletrônicas e livros. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Considera-se que a tipificação de gênero tem influência negativa no desenvolvimento motor das crianças do sexo feminino e que desempenha um papel desfavorável no seu envolvimento com os esportes e atividades físicas no seu ciclo de vida, sendo a família o principal agente atuante responsáveis neste aspecto.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento motor; Gênero; Brincadeiras.

THE INFLUENCE OF GENDER TYPING ON THE MOTOR DEVELOPMENT OF PRESCHOOL CHILDREN

ABSTRACT

INTRODUCTION: Motor development is the continuous change in motor behavior throughout the life cycle, provided by the interaction between the needs of the task, the individual's biology and the environmental conditions. **OBJECTIVES:** To verify the influence of gender typification on the motor development of children. **METHODOLOGY:** This is a descriptive bibliographic review, using scientific articles, manuals, surveys, electronic magazines and books. **FINAL CONSIDERATIONS:** It is considered that gender typification has a negative influence on the motor development of female children and that it plays an unfavorable role in their involvement with sports and physical activities in their life cycle, with the family being the main active agent responsible in this aspect.

KEYWORDS: Motor development; Gender; Jokes.

¹Acadêmico do Curso de Educação Física Licenciatura do Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

²Orientador: Prof.^a Mestre do Centro Universitário Goyazes – UniGoyazes

Dedico este artigo a todos que me apoiaram nessa árdua e gratificante jornada chamada vida.

INTRODUÇÃO

O DESENVOLVIMENTO MOTOR

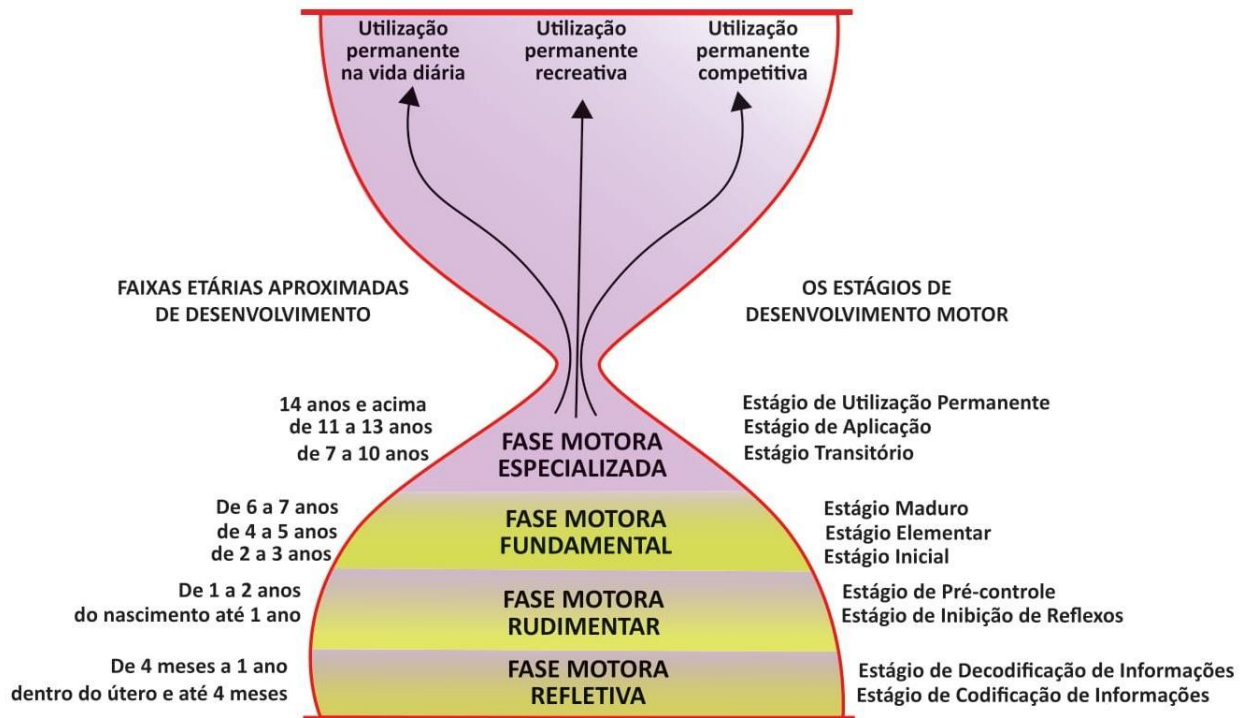
As primeiras tentativas sérias de análise sobre desenvolvimento motor surgiram a partir da perspectiva maturacional, na qual se afirma que, o desenvolvimento era função de processos biológicos inatos que resultavam de uma sequência universal de aquisição de habilidades motoras infantis. Na década de 50, a abordagem do desenvolvimento motor passa a conhecer uma das mais populares teorias do desenvolvimento infantil, a teoria do marco desenvolvimentista de Jean Piaget, que baseia-se na visão e compreensão do desenvolvimento da cognição (GALLAHUE., OZMUN 2005).

De acordo com Piaget (1952), o desenvolvimento cognitivo ocorre pelo processo de adaptação, na qual o indivíduo faz ajustes às condições ambientais e os intelectualiza por processos complementares de acomodação e assimilação. A acomodação é a adaptação que a criança faz ao ambiente, quando informações novas são acrescentadas ao seu repertório de reações possíveis, ajustando a reação para responder a exigências de um desafio específico, resultando em uma mudança visível no comportamento. Seguindo esta linha de raciocínio, Piaget usa o termo assimilação, como as interpretações de novas informações baseadas nas interpretações presentes. A criança retira as informações do meio ambiente e as incorpora às estruturas cognitivas já existentes.

A partir da década de 70, pesquisadores do desenvolvimento motor (cinesiologistas e psicólogos desenvolvimentistas) passaram a reconhecer que os fatores biológicos do indivíduo se correlacionaram com o ambiente e a tarefa, não apenas interagindo, mas modificando, e transformando um pelo outro. Gallahue e Ozmun (2005), adotam essa mesma forma de pensamento, enfatizando que todos nós, desde o nascimento até a vida adulta, estamos envolvidos num processo permanente de desenvolvimento. Podendo ser observadas diferenças nesse desenvolvimento, no comportamento motor, provocadas por fatores biológicos, ambientais e da tarefa.

Para Gallahue e Ozmun (2005), a teoria desenvolvimentista deve abordar tanto a perspectiva descritiva como a explicativa. O estudioso desenvolvimentista deve se interessar em como os indivíduos são, em determinadas faixas etárias particulares (descritiva) e o que faz com que estas características se desenvolvam (explicação). De

acordo com os autores o desenvolvimento motor é considerado sob aspectos de fases e sob o aspecto de estágios, que podem ser observados a partir da visualização da ampulheta de Gallahue (2005):



Fonte: ENADE 2019: O ser humano desenvolve suas habilidades a partir do seu aparato biológico - INDAGAÇÃO

A fase motora reflexa é dividida em dois estágios. O primeiro é o de codificação de informações (agrupamento). Neste estágio os movimentos são todos involuntários (reflexos), são controlados pelos centros cerebrais inferiores, que neste momento são mais desenvolvidos do que o córtex motor. O bebê obtém informações sobre o ambiente através do toque, da luz e dos sons. O segundo estágio é de decodificação de informações (processamento), a partir deste período os centros cerebrais inferiores transferem gradualmente o controle para a área motora do córtex cerebral. Os movimentos passam a ser voluntários, o bebê passa a processar os estímulos sensoriais com as suas informações já codificadas (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

A fase motora rudimentar é caracterizada pelos primeiros movimentos voluntários dos bebês, e são determinados pela maturação, mas o ritmo em que eles aparecem depende de fatores biológicos, ambientais e da tarefa. Nesta fase os movimentos seguem uma sequência previsível, como: os estabilizadores, como o controle do pescoço, da cabeça e dos músculos do tronco, os primeiros manipuladores

como alcançar, agarrar e soltar. E os primeiros de locomoção como arrastar-se, engatinhar e até tentar dar os primeiros passos.

Esta fase é dividida em dois estágios, o primeiro é denominado de inibição de reflexos, do nascimento do bebê até a idade de 1 ano. É a transição do controle dos centros cerebrais inferiores para o córtex motor, substituindo os reflexos involuntários por movimentos voluntários descontrolados e grosseiros. O segundo estágio é o do pré controle, que começa a aparecer por volta do 1º ano de idade. Neste período o bebê já mantém o equilíbrio bi podal, manipula objetos, e se locomove com certo controle (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

A fase dos movimentos fundamentais é um período em que as crianças estão ativamente envolvidas na exploração e na experimentação de suas capacidades motoras. Neste período as crianças já desempenham uma variedade de movimentos de estabilidade, locomoção e manipulação, com controle e eficiência motora. Esta fase é dividida em três estágios distintos, mas sobrepostos. O primeiro estágio é o inicial, neste período o movimento é caracterizado por uma falta ou uma sequência descoordenada na execução, ou o movimento é muito limitado, ou muito exagerado.

O segundo estágio é o elementar, neste período a criança apresenta um aprimoramento na noção de espaço/tempo do movimento, entretanto os padrões motores ainda são restritos ou exagerados, porém mais coordenados. O último estágio da fase motora é o maduro, nele a criança já é capaz de executar movimentos coordenados, controlados e mecanicamente eficientes (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Um ponto importante enfatizado pelos autores, é que embora o desenvolvimento seja relacionado com a idade cronológica, ele não depende somente dela, e sim, também de aspectos biológicos, ambientais e da tarefa. Dentro da ampulheta, devemos colocar o recheio da vida: a “areia”. Ele vem de duas fontes, uma delas é a hereditariedade, e a outra é o ambiente. A fonte da hereditariedade tem um “limiar”, devido ao fato de que nossa estrutura genética ser determinada no momento da nossa concepção. Entretanto a fonte ambiental não tem “limiar”, devido às experiências serem relacionadas a infinitas possibilidades.

De acordo com Magill (2011), habilidade motora é uma ação motora voluntária do corpo ou dos membros, que visam um determinado objetivo. Pode ser classificada

em um sistema unidimensional, que diferencia entre grossa ou fina, de acordo com os grupos musculares executantes do movimento. As habilidades motoras grossas são aquelas que utilizam grandes grupamentos musculares para executarem uma ação, e as habilidades motoras finas são aquelas que utilizam os pequenos grupamentos musculares. Corroborando com esta afirmação, Rosa Neto (2002), afirma que a adaptação de um ato motor a um fim específico se identifica na realização de uma praxia. E das formas de praxias, o movimento intencional aparece como o mais significativo da vida humana.

Se analisarmos as duas primeiras fases de desenvolvimento da criança na ampulheta, podemos observar que a sequência de desenvolvimento é altamente previsível, devido ao fator hereditariedade conter um maior peso nesta fase. Os autores usam o exemplo de que, no mundo inteiro, as crianças aprendem a sentar-se antes de ficarem de pé, e a ficar de pé antes de caminhar, e a caminhar antes de correr. Esta afirmação é de fato verdadeira e lógica, mas os autores enfatizam que os níveis de aquisição das habilidades motoras são variáveis desde o período pós-natal até o final da vida. Seja bebê, criança, adolescente ou adulto, se lhes forem oportunizadas práticas adicionais, encorajamento e instrução em um ambiente adequado ao aprendizado, terá uma maior possibilidade de adquirir as habilidades motoras.

Para Rosa Neto (2002), a maioria dos comportamentos humanos parece resultar em grande parte, de modelos de crescimento determinados geneticamente. Por esta razão, as etapas evolutivas em que os comportamentos aparecem não diferem de forma apreciável de um indivíduo para outro. O autor também aponta que o desenvolvimento motor se produz através da combinação de influências da maturação e das influências do ambiente.

METODOLOGIA

O referido trabalho trata-se de uma revisão de literatura que coloca o pesquisador em contato direto com aquilo que foi publicado sobre o assunto, com o objetivo de descobrir “novos fatos ou dados, reflexões ou leis, em qualquer canto do conhecimento” (MARCONI, LAKATOS, 2005).

Para o desenvolvimento do presente trabalho foi adotado como critério de seleção, artigos científicos, manuais, pesquisas, revistas eletrônicas e livros, dos quais correspondem ao ano de 2000 a 2023, cujo objetivo estivesse em concordância com o tema proposto para a pesquisa.

DISCUSSÃO

A TIPIFICAÇÃO DE GÊNERO

De acordo com Haywood e Getchell (2016), às atitudes socioculturais de grupos de pessoas incentivam ou desestimulam alguns comportamentos motores. Neste aspecto podemos apontar como elementos socioculturais, o gênero, a raça, a religião e a nacionalidade. No presente estudo será priorizado a influência do gênero na diferença apresentada no desenvolvimento motor das crianças. Segundo as autoras, a socialização precoce de um indivíduo no esporte e na atividade física é um fator essencial no desenvolvimento motor e na probabilidade de uma futura participação.

Segundo Gallahue e Ozmun (2005), o desenvolvimento motor é a contínua mudança no comportamento motor durante o ciclo da vida, proporcionada pela interação entre necessidades biológicas do indivíduo, da tarefa e as condições do ambiente. Para os autores, a fase mais importante no desenvolvimento das crianças é a fase motora fundamental, devido ao fato de que nesta fase elas estão ativamente envolvidas na exploração e na experimentação das brincadeiras, e que é através destas atividades que elas desenvolvem uma ampla variedade de habilidades locomotoras como correr e pular, manipulativas como pegar algo e arremessar, e estabilizadoras como caminhar com firmeza, e apoiar em um pé só. Sendo que todas as crianças podem e devem atingir o estado maduro destas habilidades até aos 6 anos de idade. De acordo com Kathleen e Nancy (2010), existem poucas diferenças fisiológicas entre meninos e meninas antes da puberdade.

Gallahue e Ozmun (2005), apontam que um dos principais erros sobre o conceito desenvolvimentista da fase dos movimentos fundamentais é a noção de que essas habilidades são pouco influenciadas pela tarefa e pelos fatores ambientais e são determinadas maturacionalmente. A maturação desempenha um papel básico neste processo, porém o ambiente e a tarefa desempenham um papel de maior importância no grau máximo do desenvolvimento destas habilidades. É observável que algumas

crianças atingem esse estágio basicamente pela maturação, mas a grande maioria das crianças precisam de oportunidades, encorajamento, instruções e um ambiente favorável para a prática da tarefa, que poderá favorecer no seu processo de aprendizado. Para Vygotski (1991) todo o avanço da criança está ligado com uma grande mudança nas suas motivações, tendências e incentivos.

De acordo com Cole e Cole (2004), a muitos anos psicólogos do desenvolvimento tem se interessado pelos elos entre as formas de brincar das crianças e o seu comportamento social em geral. Os autores enfatizam que na primeira infância o brincar de “faz de conta” tem uma conexão óbvia com sua vida cotidiana, as crianças usam os papéis dos adultos e os seus roteiros familiares como base para sua fantasia. Corroborando com esta afirmação, Kathleem e Nancy (2010), apontam que cada um dos pais desempenham papéis diferentes na socialização das crianças em atividades físicas, enfatizando que um dos pais, o do mesmo sexo da criança, é o mais influente. Segundo Marchão e Bento (2012), as crianças desde cedo começam a lidar e aprender a viver em função de um determinado gênero, influenciando assim a percepção que a mesma tem de mundo social e de si própria. Segundo os autores, é no seio da família e no meio social que a criança começa a interiorizar ideias estereotipadas.

Para Piaget (1952), o jogo de “faz de conta” começa normalmente durante a última parte do segundo ano de vida, aumentando durante os anos da pré-escola, e diminuindo progressivamente na idade escolar, através dos primeiros contatos com brincadeiras estruturadas e relacionadas com regras. Porém, para Vygotsky (1991), o brinquedo sempre tem regra, mesmo uma situação imaginária de qualquer forma de brinquedo, nele há regras de comportamento, embora possa não ser um jogo sem regras formais a priori. Por exemplo, uma criança se imagina como mãe e a sua boneca como filha, dessa forma a brincadeira obedece às regras do comportamento maternal. O brinquedo é visto como o principal componente de desenvolvimento cultural da criança, sendo que no brinquedo a criança vivencia atividades adultas de sua cultura e “antecipa” seus futuros papéis e valores. Ao brincar a criança está sempre acima de sua própria idade, de acordo com que a criança imita os mais velhos, ela gera oportunidades para o seu desenvolvimento intelectual. Portanto, o brinquedo antecipa o desenvolvimento da criança.

Segundo Carlos (2019), quando descobrimos o sexo da criança, inconscientemente atribuímos-lhe o gênero. Pensamos em um mundo cor-de-rosa para as meninas, cheio de princesas e um mundo azul para os meninos, com carros e motos. Para Vygotski (1991) o brinquedo apresenta dois sentidos, em um sentido, a criança tem liberdade para determinar suas próprias ações sobre ele, e no outro sentido, essa liberdade é ilusória, pois suas ações são direcionadas aos significados do objeto, sendo assim as crianças agem de acordo com eles.

Haywood e Getchell (2016), definem o “gênero” como características socioecológicas culturalmente utilizadas para diferenciar o masculino do feminino, e afirmam que a tipificação do gênero é bastante influenciada pela sociedade, que culturalmente vê as meninas como mais frágeis que os meninos. E segundo as autoras, desde o nascimento as crianças já são recebidas com brinquedos tipificados por gênero, os meninos são recebidos com bolas e carrinhos, e as meninas são recebidas com bonecas e ursinhos.

Para Trawick-Smith et al. (2014) os brinquedos são definidos como quaisquer objetos utilizados pelas crianças nas suas atividades lúdicas (as brincadeiras). Segundo Vygotski (1991) no brinquedo, o pensamento é separado do objeto, e a ação surge das ideias e não das coisas. Por exemplo, um pedaço de madeira pode se tornar um boneco e um cabo de vassoura pode se tornar um cavalo.

Hoje ainda é notável que os brinquedos dos meninos requerem movimentos mais complexos e vigorosos, que utilizam grandes grupamentos musculares e força física, enquanto os brinquedos das meninas promovem brincadeiras mais calmas, com características manipulativas. Monteiro (2016), afirma que, as meninas agitadas são criticadas pelos maus modos, sendo consideradas masculinizadas, enquanto que os meninos com o mesmo comportamento são considerados normais.

Para Papalia et al. (2006), as diferenças de gênero são diferenças psicológicas e comportamentais entre os sexos. Segundo ela, a formação da personalidade de meninos e meninas, por parte dos pais e das mães, inicia-se muito cedo. Sendo os pais os maiores responsáveis pela tipificação do gênero, processo pelo qual as crianças aprendem o comportamento que sua cultura julga ser apropriado para cada sexo. De acordo com a autora, os pais tratam os meninos e as meninas de maneira

mais diferenciada que as mães.

Corroborando com esta afirmação, Bem (1993), defende que as crianças incorporam conceitos e informações influenciadas pela sociedade, elas criam uma rede mentalmente organizada de informações (teoria do esquema do gênero) relacionadas ao gênero que influenciará no seu comportamento. Depois que as crianças descobrem de que sexo são, elas começam a assumir papéis do gênero, desenvolvendo um conceito do que significa ser do sexo masculino ou feminino da sua cultura. De acordo com Papalia et al. (2006), papéis do gênero são comportamentos, interesses, atitudes, habilidades e traços de personalidade que uma cultura considera apropriados para homens e mulheres.

Para Nascimento (2016), a segregação por gênero é considerada uma violência com a própria liberdade do ser humano de expressar a sua essência da forma como lhe convém. Segundo o autor, é uma questão cultural limitar o comportamento das meninas e manter livre o comportamento dos meninos em diferentes contextos. Corroborando com esta afirmação, Giomi et al (2013) aponta que a manifestação de estereótipos de qualquer forma no ser humano, torna-se prejudicial, devido ao fato de que outro ser se torna limitado nas suas oportunidades e escolhas, e isso afeta os indivíduos durante toda a vida.

Na sociedade este comportamento sempre esteve presente, e mesmo atualmente no século XXI, é um pensamento que pode ser observado em grande parte das famílias brasileiras, ainda se conduz meninos para atividades físicas e esportes considerados “masculinos” e as meninas em direção às atividades e esportes consideradas “femininas”. Os adultos frequentemente incentivam e permitem brinquedos vigorosos, expansivos e de luta para meninos, enquanto desestimulam as meninas (ou até as punem) a correr, escalar ou se afastar dos pais (Campbell e Eaton, 2000).

Deixando claro que, essa situação não se encontra somente em nosso país, Ramaci et al. (2017) concluíram um estudo realizado na Itália, com 324 famílias, que a maioria dos pais de meninas, preferiam que elas brincassem com brinquedos relacionados com beleza e cuidados a terceiros, enquanto que os pais dos meninos consideravam os brinquedos associados à agressão, construção e competição mais

apropriados a eles.

De acordo com Gallahue et al. (2013), fatores da nossa cultura infelizmente, frequentemente, pré determinam os tipos de experiências motoras que meninos e meninas tomarão parte. Os autores exemplificam que, para compreender a influência sobre o desenvolvimento, precisamos somente olhar um playground escolar, e observar muitas meninas pulando corda ativamente e muitos garotos arremessando e apanhando bola com grande habilidade. Quando se pede que cada grupo troque as atividades entre si, eles tendem a retornar a padrões motores imaturos.

Segundo Mateus (2021), apesar dos efeitos negativos inerentes aos estereótipos, relacionados no que diz respeito ao gênero, ainda continua comum o seu uso na cultura popular. Mas, de acordo com Paechter (2007), a ideia de gênero, masculino e feminino, é construída pela sociedade, no entanto, a maneira que cada um a interpreta é individual e não se deve se subordinar ao que lhe é imposto.

A TIPIFICAÇÃO DE GÊNERO X EDUCAÇÃO FÍSICA

A escola deve ser vista como um ambiente de mudança capaz de habilitar os alunos com um conjunto de valores e ideias mais justos, ensiná-los comportamentos mais solidários e trabalhar na questão de eliminar qualquer tipo de visão discriminatória e comportamento que desenvolva a desigualdade. (Vieira, Alvarez e Ferro, 2017). A maioria das crianças quando chegam na escola, vem de uma restrita convivência com a família e que no geral também vivem estereotipadas por gênero nesse ambiente. Nesse contexto é muito comum o professor ver os alunos apontando que algumas brincadeiras são de meninas e outras de meninos.

Como são vistas as meninas que fogem dos padrões estereotipados por gênero? De acordo com Haywood e Getchell (2016), às meninas que tendem a brincar com brinquedos e jogos “masculinos” são consideradas “molecas” ou “machonas” e sobretudo elas participam destas atividades junto com os meninos ou em grupos mistos. Observando essas meninas, claramente elas apresentam um desenvolvimento motor muito superior a aquelas que ficam restritas às atividades consideradas femininas.

Durante as aulas práticas de Educação Física é notável que há uma resistência dos meninos em aceitar as meninas em seus grupos, porém quando elas apresentam

ter habilidades, o sexo torna-se irrelevante nesse momento. Corroborando com esta afirmação Monteiro (2016) aponta que as alunas têm consciência de que as meninas que apresentam habilidades durante as atividades realizadas nas aulas, são bem aceitas pelos meninos. Nascimento (2016) relata que pesquisas apontam que a habilidade é o fator de influência na auto exclusão das meninas nas aulas de Educação Física, ou o fato delas acharem que possuem uma capacidade motora inferior em relação aos meninos.

Outro ponto importante a se mencionar, é que a exclusão é aplicada em ambos os sexos, marginalizando os considerados inábeis. Neste sentido, na auto exclusão, a criança em seu próprio ponto de vista crítico, vendo os outros conseguindo executar uma ação e ela não, se sente desmotivada e abandona a atividade. Este aspecto é amplamente negativo no desenvolvimento da criança em um contexto geral, colaborando fortemente para o aparecimento da baixa autoestima. De acordo com Haywood e Getchell (2016) as crianças com baixa autoestima apresentam as seguintes características em seu comportamento: falta de vontade em tentar tarefas desafiadoras, falta de esforço para realizá-las bem e fuga da participação.

É na escola que a maioria das crianças começam a ter contato com os jogos pré desportivos ou os esportes. Nesse momento é muito importante que elas já possuam uma bagagem motora em experiências na fase pré escolar, seja com brinquedos ou brincadeiras. Sendo assim, as crianças que apresentam essa bagagem, são mais participativas e menos retraídas, demonstram mais interesse em praticar as aulas de Educação Física. É notável que os meninos levam vantagem nessa bagagem, eles correm, chutam, escalam, arremessam e desviam com mais facilidade.

Na grande maioria, as aulas de Educação Física necessitam de movimentação, o aspecto básico da vida do homem, neste sentido as crianças que não são privadas de se movimentar, apresentam um melhor desenvolvimento. Podemos apontar também que as crianças ativas possuem suas capacidades físicas melhoradas, elas são mais fortes, mais ágeis, têm uma maior noção de espaço/tempo e equilíbrio, assim elas apresentam um melhor desempenho durante as aulas. Quando falo em desempenho, não me refiro a performance, mas apenas no ato de executar uma ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, pode-se verificar que em um contexto histórico cultural, as meninas desde os anos iniciais são privadas e desestimuladas em relação a sua participação em brincadeiras com movimentos mais complexos e vigorosos. Tendo elas que apresentarem um perfil mais comportado, se adequando a brincadeiras com pouca movimentação e com características manipulativas. Em contrapartida os meninos são criados com um sentimento “livre” de experimentação de brincadeiras mais agitadas e eufóricas, que são justificadas culturalmente adequadas ao sexo masculino, com a alegação de que os garotos tendem a ser mais travessos e agitados que as meninas.

Como já apontado anteriormente, essa segregação de atividades é uma violência com a liberdade das crianças de se expressarem de acordo com sua essência. Sem dúvida nenhuma, de acordo com todo o conteúdo apresentado sobre o desenvolvimento motor, que enfatiza a importância dos fatores do ambiente e da tarefa, claramente é perceptível que culturalmente a sociedade desempenha um papel negativo no desenvolvimento motor das meninas, o que pode influenciar na sua relação com os esportes e atividades físicas no seu ciclo de vida.

Outro ponto importante a se discutir, é que essa problemática começa desde os primeiros anos de vida das crianças, e que um dos principais agentes atuantes nesse período é a família. Então é de extrema importância que a família tenha a consciência de que essas atitudes estão atrapalhando o desenvolvimento das crianças do sexo feminino, e que estão influenciando negativamente no futuro dessas crianças. Levando por outro ponto de vista, o meu como professor de Educação Física, é de fato muito importante essa conscientização, visto que quando observamos as crianças nos primeiros anos escolares, é gritante a diferença entre o desenvolvimento motor entre meninos e meninas, e isso é um fator relevante que as frustram ou as distanciam das atividades práticas executadas nas aulas.

REFERÊNCIAS

BEM, S. L. (1993). *The Lenses of Gender: Transforming the Debate on Sexual Inequality*. New Haven, CT: Yale University Press. Disponível em: <<https://web.as.miami.edu/personal/corax/lensesofgender.html>> Acesso em: 20 de março de 2023.

CAMPBELL, D.; EATON, W. (2000). Sex differences in the activity level of infants. *Infant and child development*, 8,1-17. Disponível em: <[https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1522-7219\(199903\)8:1<1::AID-ICD186>3.0.CO;2-O](https://doi.org/10.1002/(SICI)1522-7219(199903)8:1<1::AID-ICD186>3.0.CO;2-O)> Acesso em: 01 de abril de 2023.

CARLOS (2019). *A Educação para a (des)igualdade de gênero: O papel da educação na (re)produção dos estereótipos de gênero*. Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as mulheres: As mulheres na sociedade e na cultura, apresentado a Faculdade de ciências sociais e humanas, Universidade nova de Lisboa. Disponível em: <<https://run.unl.pt/bitstream/10362/89283/2/Dissertação%20Beatriz%20Carlos%20%28versão%20revista%29.pdf>> Acesso em: 20 de março de 2023.

COLE, M.; COLE, S. R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. 4^a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/42224919/Cole_e_Cole_O_developmento_da_crian%C3%A7a_e_do_adolescente_4_ed> Acesso em: 15 de março de 2023.

GALLAHUE, D.; OZMUN, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3^a. ed. São Paulo: Phorte, 2005. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/n510s8>> Acesso em: 03 de abril de 2023.

GALLAHUE et al. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 7^a. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. disponível em: <<https://doceru.com/doc/5e80vx5>> Acesso em; 03 de abril de 2023.

GIOMI, E.; SANSONETTI, S.; TOTA, A. (2013). *Women and girls as subjects of media's attention and advertisement campaigns: The situation in Europe, best practices and legislations*. Brussels: EPDG2. Disponível em: <<https://data.europa.eu/doi/10.2861/23350>> Acesso em: 15 de março de 2023.

HAYWOOD, K.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. 6^a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/ee55xn>> Acesso em: 03 de março de 2023.

MAGILL, R. **Aprendizagem motora** conceitos e aplicações. 5^a. ed. São Paulo: Blucher, 2011. Disponível em: <<https://pdfcoffee.com/aprendizagem-motora-richar-a-magill-pdf-free.html>> Acesso em: 24 de março de 2023.

MARCHÃO, A.; BENTO, A. (2012). *Promoção da igualdade de gênero – um estudo em contexto de educação pré-escolar*. Comunicação apresentada no Seminário de I&DT– Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico, Portalegre. Disponível em:

<http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/4117/1/Amelia%20March%C3%A3o_Alexandra%20Bento.pdf> Acesso em:

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2006

MATEUS (2021) Brinquedos e estereótipos de gênero: Uma análise da publicidade infantil emitida na televisão portuguesa. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Especialização em Comunicação Estratégica. apresentado a Faculdade de ciências sociais e humanas, Universidade nova de Lisboa. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10362/136345>> Acesso em: 10 de abril de 2023.

MONTEIRO (2016). Gênero e a naturalização das diferenças na educação física escolar. Colégio Pedro II, **Revista do Departamento de Educação Física**. Consultado em: <<http://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasmedfisicaescolar/article/view/637>> Acesso em: 25 de março de 2023.

NASCIMENTO (2016). Educação Física escolar e segregação de gênero. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21363/1/2016_FelipeMachadoNascimento_tcc.pdf> Acesso em: 06 de abril de 2023.

PAECHTER, C. (2007). *Being Boys Being Girls Learning masculinities and feminities* (1st ed.). England: Open University Press. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/27225115_Being_Boys_Being_Girls_Learning_Masculinities_and_Feminities> Acesso em: 05 de abril de 2023.

PAPALIA, D. E.; WOLDS, S.; FELMAN, R. D. **O desenvolvimento humano**. 8ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxwc2Ijb3ZscHJ1ZGVudGUyMDE1fGd4OjMyN2E4MjU5ZWY4ZDUxNTc>> Acesso em: 05 de abril de 2023.

PIAGET, J. (1952). *The Origins of Intelligence in Children*. New York: International Universities Press. Disponível em: <https://sites.pitt.edu/~strauss/origins_r.pdf> Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

RAMACI, T.; PELLERONE, M.; LEDDA, C.; PRESTI, G.; SQUATRITO, V.; RAPISARDA, V. (2017). Gender stereotypes in occupational choice: A cross-sectional study on a group of Italian adolescents. *Psychology Research and Behavior Management*, 10 (1), 109-117. Disponível em: <<https://doi.org/10.2147/PRBM.S134132>> Acesso em: 09 de março de 2023

NETO, F. R. **Manual de avaliação motora**. 1ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. Disponível em: <<https://motricidade.com.br/wp-content/uploads/2021/01/EDM-Publicacoes.pdf>> Acesso em: 02 de março de 2023.

TRAWICK-SMITH, J.; WOLFF, J.; KOSCHEL, M. *et al.* Efeitos dos brinquedos na qualidade das brincadeiras de crianças em idade pré-escolar: influência do gênero,

etnia e nível socioeconômico. *Early Childhood Educ J* 43 , 249–256 (2015). Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10643-014-0644-7>> Acesso em: 03 de abril de 2023.

VYGOTSKI, L. S., **A formação social da mente**. 4^a. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1991. Disponível em: <https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf> Acesso em: 12 de fevereiro de 2023.

Figura1- Disponível em: <<https://www.indagacao.com.br/2020/02/enade-2019-o-ser-humano-desenvolve-suas-habilidades-a-partir-do-seu-aparato-biologico.html>> Acesso em: 10 de março de 2023.